



RESENHA

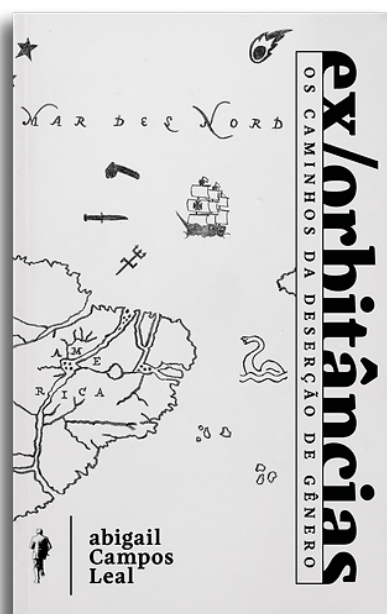


Arqueervos escuiresidos: práticas trans-formativas na desobediência radical e filosófica negra

Katharine Nataly Trajano Santos, *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*

Cristina Scheibe Wolff, *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*

CAMPOS LEAL, abigail. **Ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero.** São Paulo: GLAC Edições, 2021. 216p.



abigail Campos Leal é artista, escritora, filósofa, tradutora, educadora e se movimenta entre diversas linguagens artísticas e pelo saber negro radical. É uma das organizadoras do Slam Marginália (competição realizada por e para pessoas trans e suas poéticas/oralidades na cidade de São Paulo), com publicações independentes (textos, fanzines e outros hackeamentos de escrita), editoriais e de arte. Lançou seu livro de estreia *escuiresendo*:



ontografias poéticas (O Sexo da Palavra, 2020) e compôs a coletânea *ABEBE* de tatiana nascimento (N-1, 2020). Atua em instituições de ensino e pesquisa, é mestra em Ética Aplicada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com doutorado em Filosofia pela Universidade Pontifícia Católica de São Paulo (PUC/SP). Aqui, retomo sua leitura para pensarmos as implicações de *arqueervos escuiesidos* como uma prática trans-formativa e inventiva das desobediências sexo/gênero/racial.¹

O seu livro, ou melhor, “um certo ajuntamento de 12 textos” (p.14) intitulado *ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero* (GLAC edições, 2021) pode ser compreendido como um *continuum* e encontro de suas produções. Revisitando e fazendo um apanhado de textos apresentados em eventos e/ou publicados noutros espaços, entre 2016-2019, ela nos convida à compreensão do CISTema-mundo² e o lugar da deserção de sexo, gênero e raça em suas veredas pindorâmicas e em AbyaAyla. CISTema é sua forma de nomear o funcionamento do mundo através do ordenamento colonial e generificado de nossas estruturas sociais; assim, correlaciona a centralidade da cisgeneridade e sua pretensa normalidade/normatividade e da branquitude nela inclusa, um fluxo que percebemos mais vívido na crítica transfeminista e não-branca daqui, a exemplo de produções como a de viviane v. (2015) e Letícia Nascimento (2021).

Trata-se de um trabalho onto-epistêmico que se inscreve e escreve entre as *opacidades* e a *trans-lucidez* de uma pessoa não-binária/travesti, gorda, negra de pele clara e suas travessias junto a outros desertores que encontra pelo caminho. A obra se fragmenta em três seções, a saber: 1. deixando a teoria queer para trás; 2. guerrilha

¹Uma versão preliminar dessa resenha foi apresentada como trabalho final à disciplina “Sexuality and Colonialism”, ministrada pela Profa. Paola Bacchetta (Universidade de Berkeley, bolsista Fulbright), no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH/UFSC), entre maio e julho de 2022. Nela, fomos convidadas a refletir sobre questões anticoloniais, antirracistas e anti-sexismo na produção literária brasileira e indicar uma obra para apreciação e análise. O livro de abigail foi a minha obra escolhida no afã de partilhar a felicidade em lê-la. A decisão pela retomada e publicação deste texto veio através dos debates na disciplina “Produção Textual e Editorial em Ciências Humanas”, ministrada pelo Prof. Amurabi P. de Oliveira e a Profa. Miriam Grossi, no mesmo Programa, no segundo semestre de 2024.

²Tomo de empréstimo a definição de viviane v. (2015, p. 15) que se relaciona ao seu emprego no livro: “‘Cistema-mundo’, uso-a enquanto referência a Grosfoguel (2012, 339), que caracteriza um “[c]istemamundo ocidentalizado/cristianocêntrico moderno/colonial capitalista/patriarcal” que produz “hierarquias epistêmicas” em que – na leitura específica desta dissertação – perspectivas não cisgêneras são excluídas, minimizadas, ou silenciadas. A corruptela ‘cistema’, entre outras corruptelas do tipo, têm o objetivo de enfatizar o caráter estrutural e institucional – ‘cistêmico’ – de perspectivas cis+sexistas, para além do paradigma individualizante do conceito de ‘transfobia’.”



ontográfica; 3. atravessando o neocolonialismo e a ‘nova’ guerra social. Por outro lado, é possível afirmar que o que une todas essas partes é a parceria firmada entre escritora e pessoa leitora, pois, assim como expõe no prefácio, são suas próprias questões, dúvidas, análises e artes que vão ali se organizando em palavra, imagens, intimidade e feitiço. Sem linearidade ou fixidez de ideias, a sua travessia se movimenta como as águas e nos convida a mergulhar.

Na primeira parte, os três capítulos compilados pensam como o *queer* enquanto palavra, identidade e força sexo-política, no Brasil, extrapola o lugar de mero agente passivo da importação bibliográfica canônica e embranquecida. Encontramos polifonias e dissonâncias das manifestações artísticas de pessoas desertoras (gênero e sexual) que, através da poética e de seus corpos-arquivos-museus, criam, recriam ou fabricam o que é ser *cuír* (tradução decolonial do queer) e produzir arte no contexto *sudaka*.³ Sapatanzar, travestilizar e empretecer a(s) língua(s) são algumas das pistas de experimentação que, desde as veredas literárias periferizadas, destacam outras formas de criação compreendendo o fracasso, a monstruosidade e a precariedade como traços partilhados, comuns.

Enquanto referenciais a autora retoma as poesias *lesbo-afro-diaspóricas* e *queerlombistas* de tatiana nascimento, a história em quadrinhos transmasculina e não-binária *Quimer(d)a* de Lino Arruda e outros giros de nossa vizinhança: as *transmonstruosidades* líricas de Susy Shock, as escritas *travaprecárias* de Claudia Rodriguez, Constanzx Castillo na sua *porca punk* e a *genealogia marica*, um dispositivo bélico (trans)ontológico montado por Hija de Perra. O último termo, “marica”, se aproxima ao sentido e contexto de criação do *queer* (Estados Unidos, anos 1960-1970) podendo ser reapropriado a partir da experiência situada, localizada - movimento esse que abigail identifica em algumas críticas tecidas por Judith Butler e Eve Sedgwick à tomada de vocábulos ofensivos como uma forma de reivindicação, nomeação e criação de um sujeito. Seu início, segundo Hija e partilhado pela autora, seria traçado nos rastros não-binários e sexo-desviantes das comunidades originárias de Abya Ayla e suas práticas historicamente ditas como selvagens no/pelo imaginário colonial.

³ O termo ofensivo tem origem espanhola e se refere a pessoas de origem “sul-americana”; o emprego deste na obra se dá pelo uso irônico da autora e daquelas que analisa.



Na segunda parte, 5 capítulos adensam as discussões sobre as dissidências, os regimes cissexistas e heteronormativos e as dimensões políticas-existenciais de todos estes. Cada corpo manifesta de forma singular - e, por isso, também plural - gênero e sexualidade, montando seu *arqueervo* através da performance e de modificações monstruosas, hormonais, entre assimilações ou hackeamentos materiais e subjetivos das regulações coloniais e neocoloniais. O gênero em si é uma categoria que possibilita o que a autora chama de uma ‘disseminação infinita’, e essa leitura nos ajuda a compreender que assim como existir é algo processual, não há um “novo” gênero quando se recusa o binário normativo (como homem versus mulher), mas um movimento de desidentificação com ele que não é recente, mas uma inerente contrapartida à sua instauração e uso como ferramenta hierárquica do poder.

Simultaneamente, compreendendo que este corpo é desertor, historicizá-lo é uma prática anticolonial que transita entre a linguagem, o espaço, as redes afetivas-sexuais, as comunidades, enfim, àquilo que pode ser entendido como reorganização da própria vida social humana. Remontando a sua própria experiência de vida, as mesmas águas que guiam levam a transbordar: como ‘arquivo vivo’, ela complexifica a otobiografia em Jacques Derrida, pensando a escrita de si não como uma “(...) refundação de meu Eu íntimo, mas o momento em que esse e/u é atravessado por suas diferenças. (...) E/u sou o conjunto das diferenças que me atrav/essam y me trans/formam” (p. 78). Tais diferenças são as que dizem respeito à sua negritude, corpo gordo e transição de gênero, sobretudo à identificação de formas repressivas que a circunda desde a infância, efeitos diretos do racismo, sexismo e da gordofobia.

Na epiderme se marcam estratégias de sobrevivência, ataque, cura e cicatrização frente à ferida aberta que é o terrorismo colonial. Nas palavras, são as (im)possibilidades de escrever frente ao cansaço e a tortura que promove. É, sobretudo, reconhecer o trauma colonial brasileiro em nossa fundação; para a autora, são dois processos que se interpelam: o *esquecimento de si*, registrado historicamente nos processos de embranquecimento, e o *esquecimento traumático*, mecanismo de defesa psicossocial adotado por algumas pessoas negras/indígenas para resistir à violência racista anti-negro e anti-indígena que se atualiza na colonialidade. Esse terrorismo opera na ascensão fascista e delírios de discursos fundamentalistas, supremacistas



brancos, que ligam corpo e linguagem, atuando através da tortura. Nesse sentido, ela faz uma ponte com Judith Butler novamente, dessa vez destacando que o evento da tortura também nos afeta na dificuldade de documentá-la, pois visa, concomitantemente, a eliminação do testemunho.

Então, há como romper? Ou escapar? Jota Mombaça e Miro Spinelli são artistas cujos trabalhos se interpelam à sua crença na prática artística como uma saída mais que possível. Frantz Fanon, Sueli Carneiro, Calvin Warren e Tatiana Nascimento se somam à denúncia à branquitude e ao projeto sociocultural da mestiçagem que perpassam as memórias de infância de Abigail com a sua família e na escola. Elas chegam até nós num exercício sensível, poético, bricolado por fotografias e análise do racismo, inclusive nas relações mais próximas. Integram-se à memória de pessoas desobedientes de sexo/gênero que há muito desafiaram o parentesco, como Brenda Lee, Cris Negão e a Família Stronger.

A sua transição de gênero e reinvenção desvela nas curvas do corpo e de seu cabelo crespo o processo de identificar-se, sem medo ou neurose, como uma pessoa preta e transfeminina. Entretanto, não é o racismo e nem a transfobia que fazem Abigail ser quem é, mas, a sua existência *escuiresida* (p.132).

(...) fui percebendo também que a construção do meu processo, lento, repleto de rupturas y desvios, e ainda inacabado, de transição de gênero, passou a abrir zonas-de-contatos com a minha racialização, até então ainda soterrada pelos adoecimentos provocados pelo imperativo de embranquecimento. Passei, então, a tentar construir uma nova relação com o meu corpo. O cabelo foi um dos primeiros elementos que tentei ressignificar. Na tentativa de me permitir construir uma feminilidade, passei a deixar meu cabelo crescer por completo, pela primeira vez na minha vida, lá pelos 25 anos. Nesse processo, tive que me reaver com o (meu) racismo implícito na (minha) neurose de deixar meu cabelo crespo - e junto com ele, minha pretitude - sempre escondidos! Assim, minha transfeminilização passou também a impulsionar y radicalizar meu processo de escurecimento, de **empretecimento**. um processo de cura duplo, uma *encuirz/ilhada* que se abre y faz cruzar no *m/eu corpespírito* a transgeneridade y o empretecimento como instrumentos de uma refeitura que não é mais ôntico-onto-lógica pois seu funcionamento não mais se deixa nomear pela diferença entre *ser* e *ente*. (grifos da autora, p. 127).



Foram as suas vivências na quebrada de Basílio Pimenta, bairro de Cachoeira do Itapemirim (Espírito Santo), as circulações territoriais migratórias, espirituais e familiares, que foram novamente acessadas pela autora. Entre genealogias e genéticas, ela reflete sobre o colorismo, os estigmas da negritude e as assimetrias aqui presentes. Realiza um exercício que é ético e ontológico, localizando alteridades infinitas na experiência racial, sem negar o peso e ordem que a constitui. Entre passabilidades precárias e a necessidade ‘solitária y coletiva’ de seguir nos refazendo, como no poema beliz de tatiana nascimento (2017) que cita, nos lembra de unir o que está esfacelado, porém segue brilhando no espelho das águas.

Na terceira parte, 4 capítulos situam as chagas coloniais e a guerra não declarada em curso na *terra brasilis*. A democracia aqui é ensaiada perante a agonia e à revelia de pessoas negras, dissidentes de sexo/gênero, estratificadas por classe e outros marcadores sociais da diferença. Essa diferença é criada e, da forma mais vil e hierárquica possível, elege quem tem direito a viver e concede licenças para matar. Seja nas intervenções milicianas, fundamentalistas, na eleição do presidente Jair Messias Bolsonaro e o fortalecimento de ideais supremacistas, negacionistas, ou nas altas taxas de encarceramento, assassinato e suicídio de homens (cis e trans) negros, em feminicídios e transfeminicídios como o de Matheusa Passarelli, em políticas de envenenamento, de fome, no não direito à terra, à demarcação de terras indígenas e quilombola, na perseguição à educadores e à ‘ideologia de gênero’, entre tantas outras barbáries.

Fatos, dados, eventos, sangue, suor e lágrimas não faltam. Na parte final da obra, abigail se volta aos tensionamentos: não há possibilidade de ser anticapitalista sem reparação histórica, nem de confabular frente à morte. Todas as mazelas políticas e sociais que a sua e a nossa travessia contra o ódio, o terror e às diversas formas de matar enfrentam foram naturalizadas em nosso país - também em espectro global - a partir da exploração e das violências. O estado de exceção é uma realidade para os grupos historicamente marginalizados, e as poucas ações de antidiscriminação (como a política de cotas em concurso público e entrada no ensino superior) são, por vezes, confundidas com uma ação direta de reparação. Em diálogo com a também filósofa Denise Ferreira da Silva, conclui que a reparação não tem acontecido em nenhum país. No mesmo ano que o livro é publicado, a Organização das Nações Unidas (ONU) declara a Década da Restauração de Ecossistemas (2021-2030). Sueli Carneiro, uma das referências da obra e já citada anteriormente, foi



responsável por reforçar a esta mesma instituição quanto um programa de desenvolvimento social e econômico para afrodescendentes é imprescindível.⁴

Em “de volta à colônia”, a autora nos mostra o quanto a Casa Grande e seus jagunços estão, ainda, aqui, entre nós e até na dita luta revolucionária de esquerdas que não se movimentam ou esquecem convenientemente das suas posições no jogo estadista moderno-colonial. Onde está a força de solidariedade? abigail questiona e, no décimo capítulo, diz que não se trata de pedir, muito menos de se compadecer nos limites operados por e pela culpa branca: é implicação de forma concreta, material e, especialmente, econômica - inclusive entre aliados dos países ricos e predatórios.

As jornadas de 2013, para ela, trouxeram à tona medos antigos dos mesmos setores que inauguraram a democracia pelas bandas de cá. Duas posições diferentes aconteciam nesse cenário: enquanto o descontrole era temido pelas direitas, os movimentos populares viam que o enfrentamento radical e violento organizado era uma estratégia à ruptura. Alguns ganhos vieram, mas foram acompanhados de um massivo *backlash*. A criação da lei antiterrorismo, alguns anos depois, fragilizou o segundo grupo e marcou definitivamente mais uma postura coercitiva em prol das elites com perseguições diretas aos ativistas e prisões arbitrárias, como a de Rafael Braga.

Posteriormente, o golpe orquestrado que levou ao impeachment de Dilma Rousseff e uma série de outros retrocessos sociopolíticos indicava que o fascismo estava a se institucionalizar de forma ainda mais ostensiva, seja pelas mãos do Estado ou com sua bênção, ou pela cobertura midiática e os pânicos morais em torno disso que alimentaram. As denúncias do movimento negro e do feminismo negro se corporificam na análise de abigail, que reitera o quão a democracia sempre esteve intimamente ligada à violência e à ilegalidade. Paralelamente, a autora também fala de como este mobilizou e mobiliza as emoções: seja pelo niilismo e/ou apatia que tal cenário caótico traz, imobilizando àqueles que poderiam desertar, mas escolhem traçar caminhos à sobrevivência, ou por alimentar àqueles que nutrem o desejo bizarro da aniquilação.

⁴A esse respeito, ver postagem em Geledés - Instituto da Mulher

Negra: <https://www.geledes.org.br/sueli-carneiro-reforca-na-onu-ideia-de-programa-de-desenvolvimento-economico-e-social-para-afrodescendentes/>. Acesso: 03 fev. 2025.



“As bandeiras, as nações, os exércitos e os bancos dão tesão em muita gente” (p. 148), nos diz, algo semelhante aos usos dos afetos e das emoções que a ditadura fez de mote, conforme análise de Cristina Scheibe Wolff (2021). Ainda que as formas de terror deste passado recente ainda nos persigam, abigail e Cristina também rememoram que as resistências também estiveram e estão aqui. Se a Operação Tarântula, citada por Abigail, perseguiu pessoas trans e travestis no final dos anos 1980, a navalha escondida nas línguas das travestis já serviam de arma e amuleto antes e depois disso. Suas reelaborações riscaram o entendimento da imaginação radical que abigail recompõe ao longo de seus capítulos, escrita e vida. Daí a urgência de abrir os “arquivos abnegados” (p. 158): revisitar e celebrar todas os levantes anticoloniais que aqui se sucederam, todos os levantes anticoloniais que todos os dias persistem e acontecem.

Esse cenário invoca formular alianças ao mesmo tempo em que demonstra não haver outra possibilidade além da fuga. As pessoas desertoras sudakas se *ex/orbitam* entre traições antissociais, experiências comuns de solidão e cartografias citadinas (trans)excludentes. Compartilham desvios, diferentes estratégias de guerrilha, devaneios e lombras para se fortalecer. Racham a conta da dívida impagável, lembrando Denise Ferreira da Silva (2019), com quem morreu ou foi morto, os seus fantasmas. A propulsão dos textos finais é o firmamento de um *pacto* pela nossa sobrevivência *apesar* da colônia; nesse desaguar, a autora identifica zonas de contato entre pessoas negras e LGBTQIAPN+ para, de forma comunitária, fazê-lo. Estas são as ‘queerências’ que se ligam aos debates internacionais.

É na ancestralidade de *quilombos/kilombos*, reimaginados e atualizados em *cuirlobos/queerlobos* que junto à Jota Mombaça, Beatriz Nascimento, Abdias do Nascimento, tatiana nascimento, Cidinha da Silva e Fred Moten, a autora nos convida à baila insurrecional. Relembrando a queima de arquivos promovida por Ruy Barbosa no final do séc. XIX, ela aponta a necessidade da *escavação*, compreendendo ainda que os *kilombos* são espaços de resistência anteriores ao processo de colonização, estavam presentes desde a antiguidade africana. Invocando Abdias, também reforça que estes lugares não apenas serviram de refúgio e/ou resistência: delinearam formas outras de se viver, com inventividades e improvisações que, por si só, “(...) excedem



todo o texto historiográfico” (p. 167),“(...) toda lógica onto-histórica da metafísica euro-branca” (p. 169).

A sobrevivência *aqueerlombada* se transpõe em certo banditismo, malandragem. Encerrando o livro estão as flechas que cortam o “t/e/m/p/o colonial”, disparadas durante a exposição ‘À Nordeste’, realizada no Sesc 24 de Maio, em São Paulo: a autora revisita ali as suas memórias da performance de abertura. Ao descrever o que permanecia em suas lembranças, os ruídos, as cacofonias ou o silêncio chegavam até nós para compreender quem fazia o ato, os objetos em cena e as coreografias que unia o todo. Era um processo de quebra, costura, linhas, sintonia e ajuntamento. O tempo histórico era um dos personagens, junto à Jota Mombaça, Ana Giza, Michelle Mattiuzzi, João Nyn e demais artistas convidadas. A promessa junto às danças das quebras era também de uma memória, mas não a da performance em si, mas sim do *sci-fi* de Octavia Butler e Conceição Evaristo, na radical e pulsante poética preta que transita no espaço, aquém de marcos coloniais e sua dissimulação.

A escrita incendiária de abigail Campos Leal, bem como as produções que sua obra une, não se pretendem e nem se prestam à serem capturadas. Os textos são apenas alguns registros, como explicita desde o prefácio, que acompanham os seus movimentos de *trans-forma-ação*. E, mesmo que sem se pretender fundacionista, bibliográfica ou forma de representação de si ou de alguém, *ex/orbitânciasse* constitui num inventário, um acervo. Rememora o descobrir e tornar-se negra escrevendo (inclusive academicamente) a partir de si, como disse Neusa Santos Souza (1983), a fim de resgatar sua identidade histórica-existencial. Reverbera em outro escrito de abigail chamado “me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete e trans” (2020), tomando mais espaço em sua recém-publicada tese: “A transição é uma fuga: as poéticas do infinito y o fim da ontologia” (2024).

Suas articulações são sociais, culturais, políticas, estéticas, éticas e ontológicas, atravessadas pelo comunitarismo e pela operação desertora. Fugitiva no corpo, na ponta da(s) língua(s) e dos policiamentos. Está nas artes, na literatura, na educação, vive entre a fricção das grandes cidades, galerias, também junto ao microfone do Slam. É uma defesa pelo pulsar da continuidade vital humana em toda a sua plenitude - algo historicamente negado pelo CISTema-mundo colonial branco e suas vicissitudes binárias, regulatórias e letárgicas. Transita entre as



encruzilhadas da imaginação radical negra e travesti que são anárquicas e abolicionistas, como interpretou Vinicius da Silva (2022).

Ex/orbitâncias é um livro que nos leva aos abismos de existências generificadas, racializadas e marcadas não só pelas violências coloniais. Nesse sentido, decerto, denuncia lacunas existentes no pensamento social, filosófico, político e feminista brasileiro, preenchendo-as com argumentações, inquietações, afetos e improvisos. Compõe uma crítica radical que se atualiza nos últimos anos entre as rupturas e fissuras do pensamento negro, indígena, e desertor de sexo/gênero no sul global, inclusive nas formas de pensar e ensinar sobre a história pindorâmica (Guimarães; Trajano, 2023). Sua anticolonialidade é marcada, particularmente, por sua defesa às vidas frente aos neocolonialismos e a arte como ferramenta política. Sua relevância reside em *aqueerlombar* vidas que escapam, escaparam ou que estão neste processo. Em sua última página - com o mesmo fundo preto das que iniciam - lemos em caixa alta seu chamado *escuiresido*: PARA LER COM O CORPO! O corpo é, assim, nosso primeiro, último e melhor *arqueervo*.

Referências

CAMPOS LEAL, abigail. **A transição é uma fuga**: as poéticas do infinito y o fim da ontologia. 2024. 244 f. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/41461>. Acesso em: 02 fev. 2025.

CAMPOS LEAL, abigail. **Ex/orbitâncias**: os caminhos da deserção de gênero. São Paulo: GLAC Edições, 2021.

CAMPOS LEAL, abigail. *me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete y trans*. **Pandemia Crítica**, n.052. São Paulo: n-1 edições, 2020.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

GUIMARÃES, Janaina; TRAJANO, Katharine. **Ensaio por uma educação histórica decolonial para (e por) as dissidências desde Pernambuco**. Recife: EDUPE, 2023.



NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

SILVA, Vinícius da. Nas encruzilhadas da imaginação radical preta e travesti. **Aguarrás**, vol. 9, n. 39. São Paulo: Uva Limão, JAN/JUN 2022. Disponível em: <<http://aguarras.com.br/encruzilhadas-preta-travesti/>>. Acesso em: 15 ago. 2022. Acesso em: 02 fev. 2025.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VERGUEIRO, Viviane. **Por Inflexões Decoloniais de Corpos e Identidades de Gênero Inconformes**:: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20genero%20inconformes.pdf> . Acesso em: 02 fev. 2025.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Políticas da emoção e do gênero no Cone Sul**. Curitiba: Brazil Publishing, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/230126>. Acesso em: 02 fev. 2025.



Katharine Nataly Trajano Santos

Licenciada em História pela Universidade de Pernambuco, Mestra em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, e doutoranda no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina com período sanduíche na University of Pittsburgh – bolsa PDSE/Capes (2024-2025). Integra o Laboratório de Estudos em Gênero e História (LEGH/UFSC) e é bolsista Capes sob código de financiamento 001. E-mail: kthrinnn@gmail.com.

Cristina Scheibe Wolff

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (1998). Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1988), Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991). Em 2004/2005, realizou Pós-Doutorado na Université Rennes 2, na França, e entre 2010 e 2011, no Latin American Studies Center da University of Maryland, em College Park, Estados Unidos da América. Ocupou a Cátedra Fulbright de Estudos Brasileiros na University of Massachusetts em Amherst (set.-dez. 2017) e foi pesquisadora convidada no Laboratoire Arenes - Université Rennes 2 (jan.-jul. 2018). Atualmente, é Professora Titular do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina e integra o Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH), o Instituto de Estudos de Gênero da UFSC e é uma das coordenadoras editoriais da Revista Estudos Feministas. E-mail: cristiwolff@gmail.com

Recebido em: 14/04/2025

Aprovado em: 18/04/2025